



A EDUCAÇÃO ESPECIAL COM UM OLHAR FOCADO NO ESPECTRO AUTISTA

Marie Eli Garret Borges¹
Luana Eveline Tramontin²

Resumo: *A presente pesquisa trata de um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Pedagogia, e tem como objetivo principal descrever sobre o transtorno espectro autista e a visão da sociedade perante este indivíduo buscam-se também maneiras de como deve acontecer a prática pedagógica do professor e da equipe escolar em relação ao aluno espectro autista no âmbito escolar. O olhar é investigativo, não conclusivo. Para tanto, apóia-se em concepções da Declaração de Salamanca, na orientação das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial e LDBN 9394/96, e nos autores Cioli, Cufaro e Teixeira. A pesquisa é caracterizada como qualitativa, com apoio bibliográfico.*

Palavras-chave: Inclusão escolar. Espectro Autista. Professor.

Introdução

O presente artigo é de interesse da pesquisadora, decorrente de estar atuando na área da educação e sentir-se motivada a aprofundar seu conhecimento sobre a educação inclusiva, e alunos espectro autista e quais os métodos de ensino aprendizagem que o professor pode utilizar com estes alunos.

A problemática do trabalho busca responder a seguinte questão: De que forma o professor pode conduzir sua prática pedagógica em relação ao aluno espectro autista?

A educação inclusiva no processo educacional busca de forma significativa garantir que crianças especiais tenham seus lugares garantidos na escola de ensino regular, pois a escola deve garantir que este aluno tenha atendimento educacional de qualidade.

Na orientação das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, descreve-se que: “Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento dos educando com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos.” (BRASIL, 2001, Art. 2º).

De acordo com que consta na orientação das Diretrizes, a escola deve ofertar o atendimento educacional melhor especializado possível, e a gestão escolar tem o dever de orientar o professor e incluir este aluno especial para torná-lo um cidadão igual a todos, e que ele possa atingir seu potencial máximo, para assim, alcançar um desenvolvimento satisfatório.

Objetivos

Geral

- Compreender a Educação Inclusiva Especial

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Instituição de Ensino Superior Sant`Ana, marie.eli.borges124@gmail.com.

² Professora Orientadora, Instituição de Ensino Superior Sant`Ana, luatramontin@hotmail.com.

Específicos

- Descrever sobre o transtorno Espectro Autista e maneiras de trabalhar com este aluno na escola.
- Analisar as práticas desenvolvidas pelo professor junto ao aluno espectro autista.

Metodologia

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, onde descreve-se sobre o contexto da educação especial e o papel do professor em relação ao desenvolvimento de alunos espectro autista.

Desenvolvimento

O atendimento educacional especializado no Brasil ocorreu com a promulgação da Nova Carta Constitucional Brasileira que garante:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 208. O dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. (BRASIL, 1998, art.208, inciso III.)

Visto isso, pode afirmar-se que as escolas da rede regular de ensino devem garantir acesso livre para a participação dos alunos, sejam estes portadores de algum tipo de deficiência ou não.

No Enquadramento de Acção da Declaração de Salamanca (1994, p.6) está afirmado que as escolas devem se ajustar a todas as crianças, independente de suas condições físicas, sociais, lingüísticas ou outras, está descrito ainda que essas ações coloquem uma serie de diferentes desafios aos sistemas escolares e mais a seguir afirma que as escolas terão de encontrar formas de educar com sucesso essas crianças.

De acordo com a Declaração de Salamanca:

O sucesso das escolas inclusivas que favorecem um ambiente propício à igualdade de oportunidades e à plena participação depende dum esforço concertado, não só dos professores e do pessoal escolar, mas também dos alunos, pais e voluntários. (1994, p. 11)

Neste sentido pode-se afirmar que se as escolas juntamente com as pessoas que a cercam devem buscar igualdade de oportunidade para todos e assim terão maior sucesso.

Para que este sucesso possa ser alcançado os alunos com necessidades educativas especiais devem receber o apoio suplementar de que precisam para assegurar uma educação eficaz (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p.12).

Visto isso podemos perceber que não é somente a escola a responsável pelo aluno com necessidades especiais, mas deve existir um apoio suplementar, isto é, algo que venha a ajudar suprir as necessidades da escola, assegurando então uma educação melhor.

Para Teixeira (2006) o espectro autismo é caracterizado por um transtorno invasivo no desenvolvimento da criança, esse se caracteriza por prejuízos na interação

social, atraso na linguagem e comportamentos repetitivos e estereotipados, os bebês apresentam déficit no que diz respeito ao comportamento com outras pessoas, se isolam e não mantêm contato visual, não mostram interesse nem por mexer seu corpo.

Para Seixas:

O profissional que decide lidar com o portador de autismo, deve considerar tudo o que se sabe a cerca do processo do desenvolvimento normal e os fatores que otimizam o desenvolvimento, como também, considerar os aspectos normais que interferem no desenvolvimento de crianças autistas. (SEIXAS, 2006, PÁG. 32)

Buscando analisar sobre como devem ser as práticas de ensino do professor dentro de sala de aula com o aluno espectro autista, Cioli (2014, pág. 14) destaca que:

É importante que o professor tenha em mente que o aluno autista consegue seguir rotinas e por isso, deve criá-las como estratégias de ensino e de aprendizagem. É justamente neste aspecto que o professor deve intervir como mediador, fazendo com que o aluno autista consiga aceitar a mudança e atuar sobre a mesma.

Deste modo, o professor do aluno autista, deve saber que ele pode sim seguir rotinas, pois é uma garantia do seu processo de ensino aprendizagem, este deve ser o mediador, prepará-lo para as mudanças, para que desta maneira o aluno possa ter uma melhor aceitação.

Laurent (2014, pag.140) sobre o papel do professor relata ainda que exige um acesso educativo ao saber que respeita o sujeito autista e o deixa desenvolver por si só suas competências.

Visto isso pode-se afirmar que o professor auxiliará o aluno no seu processo educativo, isto é de ensino aprendizagem, porém o aluno deve, dentro do possível, querer buscar o conhecimento, para desenvolver sua autonomia e demais competências.

Considerações finais

Para Cufaro (2000) o caminho da inclusão de autistas é constituído no dia-a-dia, passo por passo e por este motivo devemos olhar sempre para trás a ressignificar este caminhar.

Neste sentido é importante um olhar diferenciado frente ao aluno espectro autista, entendendo que para ele não é fácil aceitar normas, sair da rotina e acatar o que o professor diz, por isso quando acontecer um aprendizado por menor que seja, deve-se valorizar, talvez para ele seja o máximo que conseguiu alcançar.

Referências

BRASIL. **Diretrizes Nacionais pra a educação Especial na Educação Básica.** Secretaria de educação Especial – MEC/SEESP, 2001.

BRASIL, **LDB.** Lei 9394/96- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em <www.planalto.gov.br>.

CIOLI, Gabriela Celestino: **Inclusão de autistas na escola regular:** Reflexões iniciais. UEM; Maringá: 2014.

CUFARO, A.C. **Quando a loucura vai à escola...** Discursos de uma história. IN: Tratamento e escolarização de crianças com distúrbios globais do desenvolvimento. Salvador; Ágma, 2000.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais** – 1994.

SEIXAS, T. B. H. **AUTISMO: A VISÃO PSICOMOTORA Uma revisão bibliográfica do autismo na Psicomotricidade.** UCM; Rio de Janeiro; 2006 [Online]. Acesso em: 27/07/2018.

Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/7/THAYSE%20BARROS%20HEGGE%20NDORN%20DE%20SEIXAS.pdf>>.

TEIXEIRA, G. **Transtornos Comportamentais na Infância e Adolescência.** São Paulo; Rubio, 2006.